

## DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ENSINO TÉCNICO: QUEM TEM LUGAR NAS ÁREAS STEM?

Lucía Silveira Alda <sup>1</sup>  
 Vilmar do Nascimento Rocha <sup>2</sup>  
 Sofia Loureiro da Cruz Machado <sup>3</sup>  
 Marina Escarrone Primel <sup>4</sup>

### RESUMO

Apesar dos avanços nas áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), esses campos ainda são predominantemente masculinos, criando ambientes de exclusão e hostilidade para muitas mulheres. Historicamente projetadas e ocupadas por homens, essas áreas refletem práticas que frequentemente desvalorizam e marginalizam o talento feminino. Nos Institutos Federais, os cursos técnicos ligados às ciências exatas continuam sendo percebidos como espaços masculinos, o que reforça desigualdades de gênero e limita o acesso e a permanência de alunas. Diante disso, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como o machismo e as práticas discriminatórias impactam negativamente o interesse e a permanência de estudantes mulheres no ensino técnico de nível médio. Os objetivos traçados foram (1) identificar formas de opressão vivenciadas pelas alunas; (2) analisar a influência da cultura institucional e das atitudes docentes na motivação das estudantes; (3) compreender a percepção das alunas sobre apoio institucional e estereótipos de gênero; e (4) propor intervenções pedagógicas e institucionais para reduzir o machismo nas áreas STEM. A metodologia incluiu uma revisão bibliográfica sobre conceitos-chave como machismo estrutural e estereótipos de gênero, a fim de embasar o estudo de caso no campus Rio Grande do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). A coleta de dados foi realizada por meio de questionários mistos aplicados a alunas dos cursos técnicos em Eletrotécnica, Refrigeração e Climatização, Informática para Internet, Geoprocessamento, Automação Industrial e Fabricação Mecânica. Para aprofundar a análise, foram conduzidos grupos focais e entrevistas semiestruturadas, com posterior análise temática. A pesquisa também buscou mapear o impacto do machismo estrutural e da cultura institucional sobre as alunas, considerando as especificidades de cada curso. Os resultados da pesquisa indicam que o ambiente dos cursos técnicos em áreas STEM no campus Rio Grande do IFRS ainda carrega traços marcantes de uma cultura institucional androcêntrica, refletida em atitudes discriminatórias, microagressões e na ausência de políticas eficazes de acolhimento às estudantes mulheres.

**Palavras-chave:** Machismo estrutural, Desigualdade de gênero, Ensino técnico, STEM, Equidade educacional.

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professora no Campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), [lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br](mailto:lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br);

<sup>2</sup> Mestre em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e professor coordenador do Curso Técnico em Administração na E.E. Gustavo Peccinini, [vilmarrrocha2@gmail.com](mailto:vilmarrrocha2@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Técnica em Informática para Internet pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), [sofialcmachado@gmail.com](mailto:sofialcmachado@gmail.com);

<sup>4</sup> Estudante do curso Técnico em Informática para Internet integrado ao Ensino Médio pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), [2023307595@aluno.riogrande.ifrs.edu.br](mailto:2023307595@aluno.riogrande.ifrs.edu.br).